

O ESTADO A IGREJA E A CARIDADE

Dr^a Suely Creusa Cordeiro de Almeida¹

O medo da morte, do inferno e da perdição eterna, associada ao espetáculo da miséria e pobreza na passagem da Idade Média para a Moderna provocou uma eclosão de atividades assistencialistas cobertas pelo manto da caridade patrocinada pelos mais variados grupos de seres humanos. Esse assistencialismo explicitou-se através das ações de socorro nas enfermidades, hospitalidade aos viajantes, proteção dos órfãos, mulheres e idosos.

No afã de fugir do inferno e de minimizar o espetáculo da pobreza e da miséria foram surgindo leprosarias chamadas de São Lázaro sustentadas e assistidas pelos religiosos de São Basílio. Já aqueles que se encontravam prisioneiros dos “infiéis” tiveram como libertadores os religiosos Trinitários ou os Padres da Redenção dos Cativos. Os viajantes e peregrinos receberam abrigo dos Religiosos do Monte de São Bernardo, o que nos faz perceber uma proliferação de organizações, ordens e congregações que pululam a Europa e o Oriente e que buscam promover um alívio para o sofrimento dos homens, podemos ainda inferir que objetivavam promover uma garantia para alcançar o paraíso em um momento que a Igreja dilacerada pelos cismas, não conseguia atingir as massas populares abrindo espaço para uma manifestação plural de religiosidades.²

Ainda na Idade Média a presença de pessoas oriundas das regiões da Europa em Jerusalém levou o califa do Egito a permitir que lá se fundasse uma Igreja e Hospital para socorrer estrangeiros e peregrinos, que recebeu o título de Hospital de São João de Jerusalém, até que Hugo Payes funda a Ordem dos Templários, também munido de Hospital e Igreja, segundo alguns, no local onde outrora tinha estado erguido o Templo de

Salomão. No fim do século XII surge a Ordem dos Cavaleiros Teutônicos que se dedicavam a tratar dos pobres abandonados na Palestina.

Quanto às mulheres se tem notícia que São Pedro Paschal, da Ordem da Mercê tendo sido aprisionado pelos turcos, usou o resgate que pagaram por sua vida, para resgatar mulheres e meninos, fundando uma congregação de senhoras da mesma ordem, para dedicar-se ao socorro de mulheres estrangeiras em situação de risco. A Ordem das Religiosas Penitentes, nas regiões da atual Alemanha e França, tiravam do crime as moças que por sua libertinagem tinham chegado à indigência. Dotava-as e casava-as. Já em Roma eram cuidados órfãos e donzelas pobres contra a sedução e vícios, sob a guarda de Nossa Senhora da Misericórdia. Entre os séculos XV e XVI foram fundados em França hospitais para expostos, velhos e alienados, enfermos em geral, assistindo-se aos prisioneiros e condenados as galés.

Em Portugal foi Dom João II quem fundou o Hospital Geral de Lisboa em 15 de maio de 1492, que foi depois denominado de Todos os Santos e por fim recebeu o título de Hospital de São José. Alguns anos mais tarde Frei Miguel de Contreiras, religioso da S. S. Trindade e confessor da Rainha Dona Leonor, viúva de Dom João II, em regência, pela ausência do irmão Dom Manuel, fundou em 15 de agosto de 1498, numa das capelas do Claustro da Sé, uma Casa de Misericórdia, com o objetivo de reunir os cativos, curar os enfermos, alimentar os pobres, casar as órfãs e sustentar as viúvas. A misericórdia de Lisboa serviu de modelo às numerosas Misericórdias logo em seguida, instituídas em todos os recantos do reino e seus domínios ultramarinos.³ A família real toma para si as atividades do assistencialismo fundando casas de caridade para atender aos mais variados segmentos sociais. A casa real, sempre tutelada pelos expoentes da Igreja portuguesa, nos faz perceber a intimidade entre o Estado a Igreja e o assistencialismo caritativo em Portugal. Outros exemplos são o da rainha Dona Catarina esposa de Dom João III que criou o Colégio de Santo Antão e o de Jesus para os

meninos órfãos. Segundo a pesquisadora portuguesa Isabel dos Guimarães Sanches e Sá,

as Misericórdias terão o mérito de fazer convergir doações e legados de entidades particulares, que antes eram feitos aos mosteiros e conventos, atraíam os bons católicos a pompa com que as confrarias faziam os enterramentos de seus irmãos, doadores e testadores; em troca dessa concessão deixavam avultados legados.⁴

Já os recolhimentos foram instituições que proliferaram em Portugal tanto nas cidades como nas pequenas vilas. O Recolhimento do Grillo asilava meninas pobres, o de Alcântara, próximo ao centro de Lisboa foi incorporado ao da Misericórdia. Outros asilos e hospitais para loucas, lázaros, expostos, órfãos, mendigos, casas da infância desvalida e para raparigas abandonadas surgiram em todo o Portugal. Toda essa demanda demonstra os graves problemas sociais que enfrentava o pequeno reino português e as estratégias que em princípio foram implementadas para a solução da problemática.

Na cidade do Porto têm-se informações sobre as primeiras iniciativas de assistencialismo, nos idos de 1189, com a entrada da armada, que coadjuvava Sancho I na conquista de Silves e outros locais daquela província. O Instituto dos Eremitas de Nossa Senhora da Roca do Armador estabeleceram ali a primeira albergaria. Mas, misericórdia só foi fundada em 1555 e, no século seguinte mais especificamente em 1667, foi construído o Hospital de Santo Antonio e logo em seguida colégios para órfãos e hospícios.

No Brasil, existe uma velha disputa. Qual teria sido a primeira misericórdia criada? Pereira da Costa, em seus *Anais Pernambucanos* diz que a primeira foi a de Olinda em 1540; depois a de Santos, em 1553. A da Bahia seria erigida em 1549, a do Espírito Santo em 1551, no Rio de Janeiro, teria surgido em 1582, já São Paulo em 1600. O *Foral da Capitania de Duarte Coelho*, datado de 27 de Setembro de 1534, refere-se no item nove quando faz menção aos tratos de comércio, que mercadorias confiscadas deveriam em sua terça parte, ser entregue ao hospital da terra. Essa preocupação em atender a um

hospital com alguma renda extra demonstra, que era uma prática da expansão estabelecer hospitais, inclusive por ter prioridade no destinamento dessas rendas sobre a Igreja. Essa orientação pode ter levado a logo cedo nas conquistas serem estabelecidos hospitais tutelados pelos mais abastados da terra, mesmo antes de se constituírem em irmandades.⁵

No Relatório da Junta Administrativa da Santa Casa de Misericórdia do Recife de 1878, o provedor Dez^o F. de A. Oliveira Maciel nos dá a seguinte periodização:

No Brasil, descoberto em 1500, já no ano de 1543 criava Braz Cubas a primeira Misericórdia no Brasil em 1543 [...] entre os anos de 1545 e 1551, a do Espírito Santo; em 1560 a de Olinda; 1564 em Ilhéus, entre 1549 e 1572 a da Bahia; 1745 em Minas; 1582 no Rio de Janeiro; em 1680 já existia a de São Paulo; e em Itamaracá, Goiana, Sergipe, Paraíba, Ceará Maranhão, Pará e outras províncias cujas datas ignoramos.⁶

O relato do Francisco de A. Oliveira Maciel apresenta a ereção das Misericórdias de Olinda, da seguinte forma: foi fundada no século XVI conjuntamente a chegada a Pernambuco das ordens religiosas de Santo Inácio de Loyola em 1576, de São Francisco em 1585, de Nossa Senhora do Carmo em 1588 e a de São Bento em 1595. Sabemos que João Paes Barreto filho segundo de Antonio Velho Barreto, morgado de Bilhas e natural de Viana, Foz de Lima em Portugal, casado com Dona Ignez Guardez, filha de Francisco de Carvalho Andrade com Dona Maria Tavares Guardez, chegando a Pernambuco no ano de 1560, fundou na Cidade de Olinda o Hospital da Santa Casa de Misericórdia. Dessa irmandade foi muitas vezes provedor e a dotou com muitas esmolas. As quantias doadas foram muito avultadas fato que lhe proporcionou o padroado da sua capela-mor na qual foi sepultado no ano de 1617.⁷ Temos aí a apresentação de duas datas que se diferenciam em vinte anos, entre os anos dados por Pereira da Costa e o do Relatório de 1878. Em relação a datação não há como tomar uma posição definitiva, pois uma documentação direta que consiga dirimir a dúvida ainda não foi localizada.

As informações que possuímos sobre a Igreja nos levam a crer que foi edificada durante o século XVI no lugar mais importante por sua riqueza, não só em termos de

lugar físico, mas também pelo fato de ser a Igreja representante da caridade dos leigos, na capitania de maior importância na colônia.

Quando os Holandeses invadiram Olinda e dela se apoderaram em 1630 reinava em Portugal Felipe III, temiam os batavos uma poderosa frota vinda de Portugal em socorro dessa cidade, por isso propuseram a Matias de Albuquerque o resgate pecuniário de Olinda, o que foi negado, o que os levou ao saque e incêndio da vila em novembro de 1631. A maior parte dos historiadores concordam que o incêndio foi geral e que a Igreja da Misericórdia foi nele envolvida.⁸ Mas voltemos para 1630, nessa altura vamos encontrar algumas referências sobre o Hospital e a Igreja das Misericórdias. O reverendo João Baers em seu *Olinda Conquistada* refere-se à vila desenvolvendo uma descrição minuciosa de sua situação:

No que diz respeito à praça de Olinda, temos a referir que ela está situada em forma de ângulo no dorso de um alto monte, do qual uma extremidade é mais elevada do que outra. No extremo mais alto do monte acha-se o Convento dos Jesuítas, [...] para o lado sul encontra-se o Convento dos Franciscanos, que tem um bonito pátio com uma bela fonte onde o povo vai buscar água para beber. Descendo o monte a partir do Convento dos Jesuítas [...] eleva-se a principal igreja paroquial do lugar, chamada Salvador, a Casa de Câmara, debaixo da qual achava-se o açougue, e a direita acima dela a prisão. Porém no extremo meridional, onde está situado o hospital, chamado Misericórdia, desce o monte com tão áspero declive, que quase não se pode subi-lo sem grande esforço e trabalho sem perigo de cair-se, apesar de ver-se diante de si.⁹

O invasor holandês tem uma preocupação de esboçar os menores detalhes da praça que está sendo ocupada, portanto continuemos nosso passeio em Olinda seissentista através das lentes de João Baers.

Chegando-se em baixo no vale, onde se acha uma encruzilhada na qual os mercadores se reúnem e costumam constituir a bolsa, sobe-se logo de novo outra eminência, mas, não empinada nem tão alta, e ali, se encontra a outra Igreja paroquial chamada Igreja de São Pedro, e ali em volta acham-se muitas belas casas e muitos armazéns, porque este é o extremo da praça, aonde o rio vindo do Recife chega a correr pela parte Ocidental. As casas não são baldas de conforto, mas, cômodas e bem feitas, arejadas por grandes janelas, que estão ao nível do sótão ou celeiro, mas

sem vidro, com belas e cômodas subidas, todas com larga escadaria de pedra, porque, as pessoas de qualidade moram todas no alto.¹⁰

Observemos nesse percurso o potencial da Vila de Olinda, considerada por um estrangeiro um lugar confortável habitado por gente de posses, sua descrição é uma das mais detalhadas que se possui para o período.

A cidade tem, como já se disse, duas igrejas paroquiais, pois, enquanto que a principal é chamada Salvador, a outra tem o nome de São Pedro; e possui cinco conventos: dos Jesuítas, de Franciscanos, dos Carmelitas, dos Beneditinos, e o Convento das Freiras. A todos excede o Convento dos Jesuítas, que é muito grande e de bela construção, em forma de quadrado, e tem no centro um pátio; é alto de dois andares com galerias duplas ao longo dos mesmos, dos quais entra-se em todos os quartos situados em redor, em número de Aproximadamente quarenta. Existem ainda alguns conventos e igrejas junto a Olinda, como que nos arrabaldes; há ali uma igreja denominada N.S. do Amparo; outra chamada S. João; ainda outra de nome N.S. de Guadalupe, e outra em cima do monte e por isso chamada N.S. do Monte.¹¹

É impressionante a circunscrição de Olinda no início do XVII, o padre João Baers fala de uma área exterior ao núcleo central da Vila que ele chama de arrabaldes, tamanha era a circunferência ou o raio de influência. Apresentando um número de mais de dois mil portugueses do que discorda Flávio Guerra quando nos reporta aos cálculos de Johannes de Laet e de Brito Freire que arrola três mil habitantes mais 200 comerciantes abastados, o que pode ser considerado significativo para a época.¹² Porém depois se volta para uma descrição da riqueza: “A igreja paroquial e as igrejas dos conventos são ricamente ornadas com dourados e muitos altares, mas sem quadros preciosos nem outros”.¹³ Quanto à riqueza e a arte que já havia, o escritor demonstrado nas igrejas, imaginamos quem poderia ter talhado imagens, se utilizado das técnicas do douramento ou até que engenheiros e arquitetos construíram esses prédios. Absorvendo essa idéia de dinâmica Flávio Guerra em seu livro *Uma Aventura Holandesa no Brasil* apresenta Olinda com um perfil de verdadeira cidade com suas igrejas, seus conventos e recolhimentos menores, como centro da ação missionária católica no Brasil, afirmando que de lá saíam constantemente os missionários para propagar a fé católica aos indígenas do interior.

Assinala ainda que em cada engenho, contava a donataria com verdadeira massa de escravos africanos e índios e numerosos brancos de recursos e outros de condição modesta.¹⁴

Por fim João Baers fala da situação encontrada quando da ocupação:

Nós não encontramos na cidade pessoa alguma, senão alguns negros, e poucos portugueses velhíssimos que não puderam fugir, alguns doentes, aleijados e coxos que foram recolhidos em tratamento ao hospital chamado Misericórdia, sob a direção de um padre enfermeiro.¹⁵

O que nos chama a atenção é não fazer o padre Baers referências a Igreja da Misericórdia, pois não é lógico que funcionasse o hospital carregando o nome de Misericórdia sem está tutelado por uma irmandade, que teriam como providencia e prioridade a construção da igreja, a não ser que estivesse o orago da Misericórdia amparado por outra igreja. O Frei Manuel Calado no livro *O Valeroso Lucideno e Triunfo da Liberdade* conta o caso de um certo Gaspar de Mendonça senhor de engenho de Apipucos que se vendo enredado em uma grande questão de justiça, se pôs no meio da chamada rua nova de Olinda dizendo: “Onde estão os irmãos da Santa Casa de Misericórdia, tão zelosos das obras de caridade, e do serviço de Deus? Venham aqui para darem sepultura à justiça, que morreu nessa terra, e não há quem a enterre honradamente”.¹⁶ O frei não especifica o ano, mas deixa claro que o caso ocorreu antes da Invasão Holandesa, portanto há de se inferir que havia um pleno exercício das obras da Misericórdia na Capitania de Pernambuco.¹⁷ Quanto ao famoso sermão profético proferido pelo visitador do Santo Ofício Frei Antonio Rosado da Ordem de São Domingos, no qual anuncia que Olinda seria abrasada pelos holandeses como pagamento pelos desvios pecaminosos de seu povo, o frei Manoel Calado não esclarece onde foi proferido, mas Diogo Lopes Santiago em seu *Guerra de Pernambuco* nos diz que o sermão foi pregado na igreja matriz do Salvador no primeiro domingo do advento.¹⁸ Já Flávio Guerra

afirma que Frei Antonio do Rosado teria bradado, o seu sermão profético nas escadarias da igreja da Misericórdia, confirmando-nos a existência do templo.¹⁹

A pesquisas sobre a relação discursiva entre o político e o religiosos estão em seu princípio iniciamos a investigação sobre a História das Misericórdias de Olinda há apenas um ano, alguns resultados já podemos apresentar, no entanto ainda muito nos falta caminhar para esclarecer o percurso da instituição na Capitania de Pernambuco.

¹ Professora Adjunta do DLCH (Departamento de Letras e Ciências Humanas e do Curso de História da Universidade Federal Rural de Pernambuco). Pesquisadora do CNPq. Esse projeto vem sendo desenvolvido com a participação do estagiário de Iniciação Científica - PIBIC/CNPq/UFRPE – André Marcelo de Santana.

² DELUMEAU, Jean. **A Civilização do Renascimento**. Lisboa: Editorial Estampa, v.1, 1984. p. 121 a 150.

³ ALMEIDA, Suely Creusa Cordeiro de. **O Sexo Devoto: normatização e resistência feminina no Império Portugues – XVI-XVIII**. 2003. Tese (Doutorado) Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Filosofia e Ciências Humanas, 2003. p. 153.

⁴ SÁ, Isabel dos Guimarães Sanches de. **Assistência aos expostos no Porto**. Aspectos institucionais (1519-1839). Porto: 1987. (Dissertação de Mestrado). Universidade do Porto. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1987. p.44.

⁵ A.H.U. – Avulsos de Pernambuco. – Foral da Capitaneia de Duarte Coelho/ registrado a fl.143 do Livro Dourado da Relação da Bahia. 27/09/1534. Cópia.

⁶ RELATÓRIO APRESENTADO A 10ª. JUNTA ADMINISTRATIVA DA SANTA CASA DE MISERICÓRDIA DO RECIFE EM PERNAMBUCO. Provedor Dez ° F. A. Oliveira Maciel, 01/07/1878. Recife: Typographia Mercantil, 1878. p.61

⁷ O relatório informa que foi feita uma sepultura rasa para receber o corpo do fundador e que nela estão guardadas as suas armas o que ainda podia ser visto no séc. XIX. Ibid., p. 64

⁸ REVISTA DO INSTITUTO ARQUEOLÓGICO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE PERNAMBUCO. Recife: Imprensa Oficial, v. 1, n ° 08, 1961. p. 297.

⁹ BAERS, Padre João. **Olinda Conquistada**. Recife: CEPE, 2004. p. 39 e 40.

¹⁰ Ibid., p. 40.

¹¹ Quando o padre João Baers refere-se a um convento de freiras, entenda-se recolhimento de mulheres, ou seja, o Recolhimento de Nossa Senhora da Conceição de Olinda. Ibid., p.41.

¹² LAET, Johannes de. História ou Anais dos Feitos da Companhia das Índias Ocidentais. *Apud*. GUERRA, Flávio. Uma Aventura Holandesa no Brasil. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 1977. p.46.

¹³ Ibid., p.41.

¹⁴ Ibid., p.46.

¹⁵ Ibid., p.41.

¹⁶ CALADO, Frei Manoel. **O Valeroso Lucideno e Triunfo da Liberdade**. Recife: FUNDARPE, 1985.

¹⁷ As obras das Misericórdia além de atender as necessidades dos pobres tinha como objetivo promover a boa morte e o enterramento dos irmãos a ela associados.

¹⁸ CALADO, Frei Manoel. **O Valeroso Lucideno e Triunfo da Liberdade**. Recife: FUNDARPE, 1985. p.40. SANTIAGO, Diogo Lopes. Guerra de Pernambuco. Recife: FUNDARPE, 1984. P.23.

¹⁹ Cf. GUERRA, Flávio. **Uma Aventura Holandesa no Brasil**. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 1977. p.57. Trecho do sermão profético: De Olinda a Olanda não há mais que a mudança de i em a, e esta vila de Olinda se há de mudar em Olanda, e há de ser abrasada por os holandeses, antes de muitos dias; pois que onde faltam tanto as justiças da terra, há de acudir o céu.